



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

**A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA PECUÁRIA COMO “VOCAÇÃO” BRASILEIRA**

Diego da Silva Grava

diego.grava@gmail.com

Universidade Regional de Blumenau

Brasil



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

### **RESUMO**

O estudo tem como objetivo problematizar a pecuária brasileira (bovina, suína e de aves), tida como "vocação" brasileira na divisão internacional do trabalho, e suas consequências socioeconômicas, ambientais e  ticas. Parte de uma perspectiva construtivista crítica, realizando análise qualitativa (estudos de caso, relatórios técnicos e outras fontes) e quantitativa (dados secundários oficiais e extraoficiais), verificando informa es sobre a produ o, condi es de trabalho e indicadores ambientais.   possível considerar que a ideia da pecuária como "voca o" brasileira resulta de uma forma específica de constru o social da natureza, própria da modernidade (caracterizada pelo predomínio da racionalidade instrumental), e da posi o subalterna ocupada pelo Brasil na divisão internacional do trabalho. Os dados evidenciam que, no Brasil, a op o pela "voca o" pecuária tem implica es socioeconômicas, ambientais e  ticas predominantemente negativas que afetam a maioria da popula o, outros seres sencientes e o meio ambiente. Apesar de seu impacto negativo, usando o argumento dos benefícios econ micos gerados pela atividade, alguns agentes são capazes de impor seus interesses sem considerar outros atores e as alternativas para um desenvolvimento territorial mais sustentável.

### **ABSTRACT**

The study aims to problematize the Brazilian livestock (bovine, swine and poultry), taken as a Brazilian "vocation" in the international division of labor, and its socioeconomic, environmental and ethical consequences. Part of a critical constructivist perspective, carrying out qualitative analysis (case studies, technical reports and other sources) and quantitative (official and non-official secondary data), verifying information on production, working conditions and environmental indicators. It is possible to consider that the idea of livestock as a Brazilian "vocation" results from a specific form of social construction of nature, typical of modernity, characterized by the



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

predominance of an instrumental view of the natural world, and the subaltern position occupied by Brazil in the international division of job. The data show that, in Brazil, the option for livestock "vocation" has predominantly negative socioeconomic, environmental and ethical implications that affect the majority of the population, other sentient beings and the environment. Despite their negative impact, using the economic benefits generated by the activity, some agents are able to impose their interests without considering other actors and the alternatives for a more sustainable territorial development.

**Palavras-chave**

(Construção social da natureza; Pecuária; Brasil)

**Keywords**

(Social construction of nature; Livestock; Brazil)



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

### **I. Introdução**

Este artigo parte do seguinte questionamento: como, apesar de suas consequências predominantemente negativas, a pecuária se consolidou como uma “vocação” econômica brasileira? Apesar de ter sido fundamental para a consolidação econômica e territorial brasileira, vários estudos têm apontado os impactos negativos da pecuária brasileira. Assim mesmo, o setor vem crescendo continuamente nas últimas décadas. Nesse sentido, procura-se problematizar a base social e política que dá sustentação à pecuária como uma “vocação” brasileira na divisão internacional do trabalho.

O objetivo do trabalho, que retoma discussões iniciadas em minha dissertação de mestrado, concluído em 2013, é realizar uma análise crítica do processo de construção social da natureza na modernidade, investigando particularmente o caso da pecuária brasileira e suas consequências socioeconômicas, ambientais e éticas. Mais especificamente, procura debater o processo que levou à legitimação do uso de animais para consumo humano como uma atividade fundamental para a economia do país. Busca também problematizar as consequências dessa legitimação em termos socioeconômicos (quantidade de empregos, remuneração), ambientais (qualidade do ar, da água e do solo) e éticos (condições de trabalho, trabalho escravo, condições de criação e abate de animais).

Além da necessária problematização dos impactos positivos e negativos do setor e da demonstração da atividade econômica como resultado de processos sociopolíticos, a inclusão do sofrimento animal como um problema moral apresenta um terreno fértil, relativamente novo e pouco debatido e, por isto, muito relevante para as Ciências Sociais.

Parte-se de uma perspectiva construtivista crítica, ressaltando as relações sociais e políticas que geram as condições necessárias para a consolidação de um pensamento (ou ideologia) que reduz o mundo natural à matéria-prima, dispensando aos animais um tratamento predominantemente instrumental. Além disso, considera também as relações



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

de poder assimétricas entre as nações, resultando em um posicionamento subalterno do Brasil na divisão internacional do trabalho, figurando como fornecedor de matérias-primas.

Assim, na primeira parte, discuto o marco teórico-conceitual. Na parte seguinte, apresento a metodologia empregada para o estudo. Na terceira parte, apresento e discuto os dados levantados na pesquisa. Na última parte, teço as considerações finais, propondo uma reflexão crítica sobre a pecuária e o tratamento dispensado aos animais utilizados nesta atividade.

## II. Marco teórico/marco conceitual<sup>1</sup>

O construtivismo tem sua origem na obra de Immanuel Kant, especialmente em sua “Crítica da Razão Pura” (2001 [1781]). O filósofo sustenta a ideia de que os seres humanos não têm acesso à realidade em si, os *númenos*, mas somente àquilo que seus sentidos são capazes de detectar, os *fenômenos*.

Na Sociologia, a perspectiva construtivista foi introduzida, com um viés fenomenológico, através da obra de Peter Berger e Thomas Luckmann (2003 [1966]), “A Construção Social da Realidade”. Nesse livro, os autores afirmam que:

[...] o conhecimento humano é dado na sociedade como um a priori à experiência individual, fornecendo a esta sua ordem de significação. Esta ordem, embora relativa a uma particular situação sócio-histórica, aparece ao indivíduo como o modo natural de conceber o mundo (2003: 20-21, grifos originais).

Logo, aquilo que é fruto de relações sociais e políticas, construído através da interação entre pessoas, é naturalizado pelos atores (como afirmam Schütz, 1979, ou Bourdieu, 2004) e encarado como uma verdade autoevidente.

---

<sup>1</sup> O tópico retoma discussões realizadas na dissertação de mestrado (Grava, 2013) e na tese de doutorado (Grava, 2017).



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Na Sociologia ambiental, essa abordagem busca ressaltar, entre outras coisas, o processo social e político pelo qual problemas ambientais e paisagens são socialmente construídos, tanto física como simbolicamente, portanto, resultado da interação entre seres humanos com o meio ambiente.

Hannigan (1995), por exemplo, enfatiza os aspectos sociais e políticos na formulação dos problemas ambientais (perda da biodiversidade, mudança climática). O autor não nega a objetividade desses problemas, mas afirma que certos temas ganham maior relevância do que outros (aceitação ou legitimação social) principalmente em virtude da influência da ciência e dos meios de comunicação social.

A abordagem gerou muitas críticas. A mais importante se refere à relativização de problemas sociais (Hannigan, 1995: 48). Segundo seus críticos, isso poderia levar à negação da existência de problemas sociais ou ambientais graves e ao abandono de qualquer pretensão de objetividade.

Nesse contexto, surgiram perspectivas de construtivismo mais “fortes” e mais “suaves”. Os “construtivistas rigorosos” propuseram adotar uma abordagem etnometodológica, centrando-se na interpretação e nas práticas dos participantes na construção social. Os “construtivistas contextuais” sugeriram que as afirmações sobre um problema podem ser avaliadas com base nas evidências, como estatísticas oficiais e questionários de opinião pública, ainda que estas também sejam construções sociais (Hannigan, 1995: 49).

Ao que se refere à construção social da natureza, transpondo a tese da relativização, Florit (2009: 3) afirma que:

Ao contrário de favorecer um “quietismo político”, o social construtivismo pode ajudar a revelar novos aspectos das relações de dominação [...] e mostrar como os discursos sobre natureza fazem parte de configurações discursivas e territoriais mais amplas que envolvem tensões e lutas entre agentes sociais. Assim, a construção social da natureza é entendida como produzida em contextos que são decisivamente políticos.



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Desse modo, a perspectiva também tem um componente bastante crítico, observando as relações de poder que configuram as interações entre pessoas e destas com o ambiente físico-orgânico.

A abordagem construtivista, tal como será aqui utilizada, tem duas implicações: a primeira se refere ao entendimento de que a realidade social é constituída de interações entre sujeitos cognoscentes, participantes de sistemas sociais, e o “mundo externo”, o que inclui outros sujeitos e objetos. Isso é, a realidade não pode ser entendida de modo solipsista. Ela exige admitir não só que existem objetos que são conhecidos, que impõem algum “limite” ao conhecimento, ainda que sejam “organizados” pela cognição e ação humana (ou animal), mas também que existe um mundo social preexistente que organiza e dá sentido à experiência individual.

A segunda implicação, de certa forma derivada da primeira, refere-se à relação entre indivíduo e sociedade, ou entre ação e estrutura. Considerando que a condição social é ontológica, os seres humanos, desde seu surgimento, sempre viveram em interação uns com os outros, sendo a experiência individual algo organizado socialmente. Ou seja, não existe conhecimento que não seja, de alguma forma, mediado socialmente<sup>2</sup>. Todas as formas de classificação e organização do mundo, da realidade, passam por processos sociais (ou sociocognitivos). Nesse sentido, a natureza é apropriada, material e simbolicamente, através de processos que exigem a interação entre seres humanos, participantes de sistemas sociais, e o ambiente físico-orgânico<sup>3</sup>.

A discussão em torno da objetividade das ciências se deu a partir da tese da uniformidade da natureza, pressupondo-se que esta é invariável, obedece às mesmas leis, em qualquer lugar e em qualquer período de tempo. Em certo sentido, a abordagem construtivista desafia essa concepção, mostrando que diferentes sistemas sociais

---

<sup>2</sup> Podemos pensar até mesmo as experiências sensoriais, como a dor, por exemplo. Tatuagens, perfurações e escarificações são toleradas, apesar do sofrimento físico e psíquico que tendem gerar aos indivíduos, seja em razão dos valores estéticos do grupo ou pelo status associado por sua “aquisição” (para ser admirado, aceito ou subir na hierarquia social do grupo).

<sup>3</sup> Essa ideia invoca, de algum modo, a noção de simetria de Bruno Latour (ver Latour, 1994; Freire, 2006), embora não seja a perspectiva aqui utilizada. Outra perspectiva importante é a de Parsons (1969).



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

atribuem significados variados à natureza, o que implica em formas distintas de classificação e de apropriação material dos recursos naturais, com implicações diversas (sociais, econômicas, políticas, epistêmicas, éticas, religiosas, estéticas, ambientais). Sendo resultado da interação entre seres humanos e o meio ambiente, o processo de construção social da natureza é, portanto, histórico. O caso da vocação brasileira pela pecuária como uma forma de construção social da natureza será discutido adiante.

### **III. Metodologia**

A pesquisa foi realizada com base em uma abordagem predominantemente qualitativa, mas também se utilizou de dados secundários quantitativos oficiais e extraoficiais. Quanto ao primeiro aspecto, foram consultados livros, artigos, teses e relatórios produzidos por pesquisadores, institutos e outras organizações que têm atuação reconhecida sobre os temas em debate. Em relação ao segundo, foram consultados dados oficiais do IBGE, RAIS, IPEA, FAO, MPT. Ademais, no aspecto qualitativo, apresenta-se o histórico da construção social da pecuária no Brasil a partir de literatura acadêmica específica.

### **IV. Análise e discussão de dados**

No mundo ocidental, muitas das atitudes em relação à natureza estão fundamentadas em preceitos teológicos, principalmente os do cristianismo. Thomas (1989: 23) aponta que na Bíblia cristã, do Gênesis ao surgimento de Cristo, consagraram-se os direitos dos “homens” sobre todo o mundo natural, estabelecendo o “predomínio humano”. Esse predomínio se baseia na ideia de que foi tendo em mente as necessidades humanas que



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Deus teria criteriosamente projetado e distribuído os animais, que deveriam se subordinar ao “homem”.

A influência cristã permaneceu vigente durante o período do Renascimento (séculos XIV-XVI), o qual coincidiu com a época da colonização do Brasil. Nesse período, a ideia predominante era de que a natureza oferecia todos os recursos necessários ao “homem”, cabendo-lhe controlá-la e manipulá-la a seu favor. Entretanto, a influência de Francis Bacon e, principalmente, de René Descartes rompeu com a tradição medieval que via a natureza de forma organicista, como um ser vivo do qual o ser humano fazia parte (Gudynas, 1999: 102-103), reforçando ainda mais a ideia de superioridade humana. O mecanicismo de Descartes foi decisivo para levar à intensificação do uso da natureza, e especialmente dos animais, a um patamar jamais visto antes. Para Descartes, os animais eram meras máquinas e toda e qualquer manifestação de dor ou sofrimento expressadas por eles não passaria de uma ação mecânica. A partir de Descartes, popularizou-se a vivisseção e outras experiências com animais (Singer, 2004: 227), e, conseqüentemente, também seu uso industrial.

Thomas (1989) e Eder (1996) reconhecem que a modernidade produziu atitudes ambíguas em relação ao mundo natural, alternando entre o uso instrumental e relações compassivas, sendo alguns animais tidos como comida e outros como companheiros, uma forma de *especismo eletivo*. Porém, na indústria prevalece o uso meramente instrumental da natureza como matéria-prima, destinada, antes de tudo, a se transformar em mercadoria e produzir lucro.

Foi com essa visão que os europeus chegaram às Américas (Pádua, 2004). Assim como na Europa, onde os territórios tradicionais de camponeses foram ocupados para dar lugar ao gado, como descreve Marx (1996), no Brasil, o gado, principalmente bovino, foi extensamente utilizado pelas populações camponesas vindas de Portugal para garantir sua subsistência e também para ocupar os territórios das populações



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

nativas, como apontam Prado Jr. (1961), Simonsen (2005 [1937]), Cunha (1982), entre outros, em um processo que segue vigente até os dias atuais<sup>4</sup>.

O gado bovino estava presente desde o início da colonização. Prado Jr. (1961: 182) afirma que a pecuária teve papel importante na conquista do território, pois exigia uma população pequena para se ocupar grandes extensões de terra.

Simonsen argumenta que, desaparecido o interesse na caça ao “bugre”<sup>5</sup>, e quase extinta a mineração, teria sido a pecuária a responsável por consolidar economicamente a ocupação de vastas regiões do país. Sem ela, essas regiões provavelmente teriam sido condenadas ao abandono. A pecuária amparou as populações do Sul no período que compreende o fim da mineração e o advento do café (Simonsen, 2005: 241).

A atividade foi se estabelecendo em várias regiões do país, adquirindo importância crescente, até chegar aos dias atuais, com novos sentidos e implicações. Apesar dos impactos negativos, a pecuária brasileira alcançou o mercado internacional, levando o país a ser um dos maiores produtores e exportadores de todo o mundo, não somente de bovinos, mas também de suínos e de aves.

Nesse sentido, por sua história e geografia, têm-se atribuído ao Brasil, e a certas regiões do país, uma suposta “vocação natural” para a pecuária (Bernardes & Azevedo, 2017; Ferreira, 2016; Pinto et al., 2016; Miranda, 2010). De fato, como apontado anteriormente, o Brasil se tornou uma liderança mundial na produção e exportação de produtos de origem animal.

Conforme a tabela 1, o Brasil era o segundo maior produtor e exportador de carne bovina do mundo em 2016<sup>6</sup> (USDA, 2017):

---

<sup>4</sup> A Fiocruz (2010) aponta que, até 2010, cerca de 3% dos casos de conflitos ambientais tinham relação com a pecuária, afetando principalmente populações tradicionais, como indígenas, agricultores familiares, ribeirinhos e quilombolas.

<sup>5</sup> Referência pejorativa à população indígena.

<sup>6</sup> O USDA prevê que o Brasil passará a ser o maior exportador em outubro de 2017.



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

**Tabela 1 – Produção e exportação mundial de carne bovina, 2016**

País Produtor	Produção de Carne Bovina (1.000 toneladas)*	País Exportador	Exportação de Carne Bovina (1.000 toneladas)*
Estados Unidos	11.502	Índia	1.764
<b>Brasil</b>	<b>9.284</b>	<b>Brasil</b>	<b>1.698</b>
União Europeia	7.830	Austrália	1.480
China	7.000	Estados Unidos	1.157
Índia	4.200	Nova Zelândia	587
Argentina	2.650	Canadá	441
Austrália	2.125	Uruguai	389
México	1.879	EU-27	345
Paquistão	1.750	Paraguai	258
Turquia	1.642	México	216
Rússia	1.335	Argentina	669
Outros	9.269	Outros	1.764

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do USDA, 2017.

\* Equivalente carcaça.

Quanto à produção e exportação de carne suína, a tabela 2 mostra o Brasil como o quarto maior produtor e exportador do mundo em 2016:

**Tabela 2 – Produção e exportação mundial de carne suína, 2016**

País Produtor	Produção de Carne Suína (1.000 toneladas)*	País Exportador	Exportação de Carne Suína (1.000 toneladas)*
China	52.990	União Europeia	3.126
União Europeia	23.400	Estados Unidos	2.374
Estados Unidos	11.319	Canadá	1.319
<b>Brasil</b>	<b>3.700</b>	<b>Brasil</b>	<b>832</b>
Rússia	2.870	Chile	173
Vietnã	2.675	China	191
Canadá	1.955	México	141
Filipinas	1.540	Austrália	38
México	1.376	Vietnã	35
Japão	1.279	Rússia	25
Coréia do Sul	1.266	África do Sul	14
Outros	5.483	Outros	49

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do USDA, 2017.

\* Equivalente carcaça.



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Em relação às aves, a tabela 3 mostra que, em 2016, o Brasil ficou em segundo lugar na produção mundial de carne de frango e em primeiro na exportação:

**Tabela 3 – Produção e exportação mundial de carne de frango, 2016**

<b>País Produtor</b>	<b>Produção de Carne de Frango (1.000 toneladas)*</b>	<b>País Exportador</b>	<b>Exportação de Carne de Frango (1.000 toneladas)*</b>
Estados Unidos	18.690	<b>Brasil</b>	<b>3.889</b>
<b>Brasil</b>	<b>12.910</b>	Estados Unidos	3.015
China	12.300	União Europeia	1.276
União Europeia	11.330	Tailândia	690
Índia	4.200	China	386
Rússia	3.720	Turquia	296
México	3.285	Ucrânia	236
Argentina	2.055	Argentina	158
Turquia	1.871	Canadá	134
Tailândia	1.780	Belarus	145
Indonésia	1.640	Rússia	104
Outros	70.467	Outros	357

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do USDA, 2017.

\* Equivalente carcaça.

Os dados, no entanto, não revelam as condições sociais e políticas de construção da chamada vocação, que é, essencialmente, resultado de interações entre pessoas e destas com o mundo natural.

Também chamadas de “especializações”, ou ainda de “polos econômicos”, as “vocações regionais” se referem ao predomínio de uma ou outra atividade determinada por características próprias de um território, sejam elas “naturais” ou “culturais”, o que resultam na sua suposta “vocação”.

Weber observa que o conceito de vocação tem uma conotação religiosa, “[...] a de uma missão dada por Deus” (2004: 71). A expressão, “[...] no sentido de uma posição na vida, de um ramo de trabalho definido” (ibidem), teve na sua história maior peso entre os povos protestantes. A palavra tem origem na tradução da bíblia, do “espírito do



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

tradutor”, e logo teria assumido o significado atual “[...] na língua profana de todos os povos protestantes [...]” (ibidem: 72) e da sociedade ocidental de modo geral.

Em suma, a ideia de vocação aparece como uma destinação, “[...] a vocação é aquilo que o ser humano tem de aceitar como desígnio divino, ao qual tem de ‘se dobrar’ – essa nuance eclipsa a outra ideia também presente de que o trabalho profissional seria uma missão, ou melhor, a missão dada por Deus” (Weber, 2004: 77). A “vocação” deve levar à obediência à autoridade e à aceitação das condições de vida dadas (na verdade, socialmente construídas).

Nesse contexto, as “vocações regionais” são consideradas como uma condição frente à qual uma região tem ou teria que “se dobrar” perante o mercado, sob pena de perder sua viabilidade econômica. Na verdade, as vocações são construções sociais históricas e políticas que beneficiam certos grupos em detrimento de outros. A ideia de uma “vocação natural” para uma determinada atividade procura legitimar o que é produto de relações sociais, como se fosse algo inevitável e que não poderia ser diferente.

Para Florit, as vocações estão ligadas à “[...] construção simbólica e física da natureza [e] obedece a interesses de atores sociais concretos, mostrando-se como a natureza é construída e reconhecida como aliada a projetos políticos claramente definidos” (2009: 3).

Assim:

[...] as chamadas “vocações regionais” estão associadas a visões da natureza ancoradas em relações de poder. A expressão ‘vocação’ aplicada nestes contextos é outra forma de naturalização das paisagens e configurações territoriais construídas através de relações sociais e políticas, vinculadas a atores específicos, beneficiários da visão que a suposta vocação exprime (Florit, 2009: 13).

No caso da produção animal, seus beneficiários procuram sempre enfatizar as vantagens econômicas da agroindústria, omitindo seus impactos negativos em termos socioeconômicos, ambientais e éticos<sup>7</sup>. Todavia, na realidade, os impactos negativos são

---

<sup>7</sup> Sobre as estratégias de poder do agronegócio, ver Bruno (2012).



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

vários, provavelmente superando em muito os benefícios econômicos gerados pela atividade.

### Impactos socioeconômicos

Ainda que o país seja um dos maiores produtores e exportadores de produtos de origem animal do mundo, isto não significa que a pecuária seja de todo socioeconomicamente relevante.

Um olhar mais atento a outros dados socioeconômicos do setor revela que seu impacto não é tão positivo, ainda que pese sua relevância para a balança comercial do país e para as economias de alguns estados e municípios brasileiros. Os dados sobre número de vínculos empregatícios, renda, condições de trabalho e existência de trabalho escravo mostram um outro lado da cadeia produtiva da pecuária brasileira<sup>8</sup>.

A tabela 4, com dados do MTE, mostra que, em 2016, o total de vínculos no setor agropecuário, que inclui ainda extração vegetal, caça e pesca, era o terceiro que menos empregava dentre todos os setores da atividade econômica no Brasil, representando 4,3% do total de empregos no país:

**Tabela 4 – Quantitativos de empregos por atividade econômica, Brasil, 2016**

Sector de atividade econômica	Empregos	%
1 - Serviços	16.708.852	36,2
2 - Comércio	9.264.904	20,1
3 - Administração Pública	8.826.040	19,1
4 - Indústria de Transformação	7.148.013	15,5
5 - Construção Civil	1.985.404	5,0
<b>6 - Agropecuária, Extração Vegetal, Caça e Pesca</b>	<b>1.476.219</b>	<b>4,3</b>
7 - Serviços Industriais de Utilidade Pública	429.435	0,9
8 - Extrativa Mineral	221.331	0,4
Total	46.060.198	100

Fonte: Adaptado de MTE, 2016a.

<sup>8</sup> Também abundam denúncias de corrupção, violações de direitos humanos e de crimes ambientais no setor. Recentemente, os casos da JBS, Brfoods e outras empresas, mostraram a extensão da corrupção envolvendo empresários, políticos e funcionários públicos implicados em sonegação fiscal, pagamento de propinas, “falta” de fiscalização, adulteração de produtos, etc. (Justi & Vianna, 2017).



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Em 2016, o setor agropecuário foi o que ofereceu a menor remuneração média dentre todos os setores, um valor médio de R\$1.671,84.

**Tabela 5 – Remuneração média por atividade econômica, Brasil, 2016**

Setor de atividade econômica	Remuneração*
1 - Extrativa Mineral	5.971,56
2 - Serviços Industriais de Utilidade Pública	4.595,94
3 - Administração Pública	3.834,27
4 - Indústria de Transformação	2.641,88
5 - Serviços	2.603,88
6 - Construção Civil	2.191,80
7 - Comércio	1.810,94
<b>8 - Agropecuária, Extração Vegetal, Caça e Pesca</b>	<b>1.671,84</b>
Média	2.683,78

Fonte: MTE, 2016b.

\* Remuneração nominal do trabalhador em dezembro.

As condições de trabalho nos frigoríficos e abatedouros incluem trabalho repetitivo, acidentes, afastamentos e traumatismos. Uma pesquisa da Previdência Social revelou que trabalhadores de frigoríficos têm chances três vezes maiores de traumatismos de cabeça ou abdômen que em outros segmentos. Na linha de desossa de frangos, 743% a mais de risco de desenvolver tendinite. O índice de depressão em funcionários de frigoríficos é três vezes maior que o da média da população economicamente ativa no Brasil (Cavechini & Barros, 2011, 28-min.).

Além disso, a incidência de trabalho escravo no setor é superior a todas as outras atividades econômicas, ainda que seja, historicamente, um setor que emprega pouca mão-de-obra. Ano após ano, a pecuária lidera o ranking do trabalho escravo no Brasil, conforme os dados da tabela 6:



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

**Tabela 6 – Trabalho escravo por atividade econômica, Brasil, de 2003 a 2017**

Atividade	Quantidade	%	Ranking
<b>Criação de Bovinos para Corte</b>	<b>7.008</b>	<b>30,94</b>	<b>1</b>
Cultivo de Arroz	4.673	20,63	2
Fabricação de Alcool	2.559	11,30	3
Cultivo de Cana-de-açúcar	2.191	9,67	4
Fabricação de Açúcar em Bruto	1.176	5,19	5
Extração de Madeira em Florestas Nativas	561	2,48	6
Serviço de Inseminação Artificial em Animais	430	1,90	7
Cultivo de Soja	328	1,45	8
Comercio Varejista de Suvenires, Bijuterias e Artesanatos	245	1,08	9
Atividades de Apoio a Produção Florestal	226	1,00	10

Fonte: Ministério Público do Trabalho [MPT], abril de 2017.

Portanto, um olhar mais atento aos dados socioeconômicos do setor pecuarista revela indicadores negativos, ou, no mínimo, controversos. Ademais, a pecuária também apresenta muitos impactos ambientais negativos que, se contabilizados, certamente tornariam a atividade, no modelo predominante atual, inviável ou, ao menos, extremamente cara (como apontam Greif, sem data; Schlesinger, 2010; e Quadros, 2005).

### **Impactos ambientais**

Os problemas ambientais do setor agropecuário são bastante conhecidos entre pesquisadores, organizações e institutos de pesquisa em todo o mundo. Os impactos mais conhecidos são aqueles decorrentes da emissão de gases de efeito estufa [GEE], uso e contaminação de recursos hídricos e uso e degradação de solos.

Segundo a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura [FAO] (2009), “[...] a produção de carne é responsável por aproximadamente um quinto [20%] das emissões globais de gases do efeito estufa”. Esses gases incluem o CO<sub>2</sub> (dióxido de carbono), CH<sub>4</sub> (metano, cerca de 20 vezes mais nocivo que o CO<sub>2</sub>) e N<sub>2</sub>O (óxido nitroso, aproximadamente 300 vezes mais nocivo do que o dióxido de carbono) (FAO, 2006). No Brasil, até 2010, cerca de metade dos GEE emitidos pelo país tinha origem



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

na pecuária (Portal Brasil, 2010), mas, considerando o incremento constante na produção, o percentual deve ser ainda maior atualmente.

A FAO (2012) estima que “São necessários 1.500 litros de água para gerar um quilo de grãos e dez vezes essa quantidade para produzir um quilo de carne”. Adicionalmente, as fezes dos animais vêm contaminando recursos hídricos por todo o mundo<sup>9</sup>.

Em relação aos impactos nos solos, a pecuária utiliza aproximadamente um quinto do total do território brasileiro, sendo que cerca de metade disto apresenta algum grau de degradação (Rosa, 2006; Pinheiro et al., 2009; Bolfe, 2010; Almeida, 2011).

Ainda que as evidências científicas sejam fartas, a pecuária ainda não é reconhecida publicamente<sup>10</sup> como causa de muitos problemas ambientais graves, como o aquecimento global ou a perda de biodiversidade, apesar de estar intimamente associada a estes e a outros problemas. Essa lacuna existe porque há uma série de relações políticas, sociais, culturais e econômicas que interessam a atores sociais “importantes”, como grandes empresas do setor agropecuário e atores privados muito influentes (como JBS, BrFoods, redes de comunicação, entre outros) e o próprio Estado, que tem o interesse na continuidade da atividade no modelo em curso.

### **Impactos éticos**

Além das implicações negativas que o setor apresenta para trabalhadores (e, em alguns casos, para os consumidores), a pecuária brasileira depende do abate anual de bilhões de criaturas sensíveis para manter sua viabilidade econômica. Os animais são

---

<sup>9</sup> Chegando a uma situação dramática em lugares específicos, como na região oeste de Santa Catarina, maior produtora de suínos do país (Nottar, 2004; Denardin & Sulzbach, 2005; Nolasco et al., 2005; Greif, sem data).

<sup>10</sup> Veja-se o “Movimento Sou Agro”, que conta com a participação de celebridades, ou a campanha “Agro é Pop”, veiculada na TV Globo. Ambos exaltam os supostos benefícios gerados pelo agronegócio sem qualquer problematização dos desafios sociais e ambientais associados ao setor (sobre o tema, ver Bruno, 2012).



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

criados em condições que lhes negam a possibilidade de manifestar seus comportamentos naturais<sup>11</sup>.

Somente em 2016, conforme a tabela 7, somando-se o abate de bovinos, suínos e aves, foram quase seis bilhões de animais abatidos:

**Tabela 7 - Total de abates de bovinos, suínos e aves, Brasil, 2016**

Bovinos	Suínos	Aves	Total
29.702.021	42.319.791	5.860.316.609	5.932.338.421

Fonte: IBGE/SIDRA, 2016.

Outra questão importante é que os animais são abatidos em idade muito precoce em relação às expectativas de vida que teriam naturalmente. O quadro 1 mostra as expectativas de vida de bovinos, suínos e aves:

**Quadro 1 – Expectativa “natural” de vida de bovinos, suínos e aves**

Espécie	Expectativa de vida
Bovinos ( <i>Bos taurus</i> )	22 anos
Suínos ( <i>Sus domesticus</i> )	15 a 20 anos
Aves ( <i>Gallus gallus domesticus</i> )	10 a 30 anos

Fonte: Elaboração própria a partir de dados de Paes (2012).

O quadro 2 mostra a idade média de bovinos, suínos e aves no momento do abate:

**Quadro 2 – Expectativa de vida dos bovinos, suínos e aves preparados para o abate**

Espécie	Idade para o abate
Bovinos	24 a 36 meses
Suínos	133 a 154 dias
Aves	28 a 42 dias

Fonte: Elaboração própria a partir de dados de EMBRAPA (2003; 2005); Tibúrcio (2011).

<sup>11</sup> Com exceção parcial no caso da produção sustentável, orgânica e outras que permitem, ainda que de maneira parcial, que os animais vivam em condições melhores, podendo manifestar alguns de seus comportamentos naturais. As informações sobre a produção orgânica de carnes são muito escassas. Um estudo do *World Wide Fund for Nature* [WWF-Brasil], de 2005, apontava que na região da Bacia do Alto Uruguai, por exemplo, apenas 0,18% do rebanho bovino era certificado como orgânico.



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Portanto, considerando a expectativa de vida natural e a idade de abate das diferentes espécies, percebe-se que os animais morrem em idade muito precoce, não tendo a oportunidade de desfrutar da maior parte do tempo de vida que poderiam ter em outros contextos (na vida selvagem ou como animais de companhia).

De qualquer modo, um número elevado de seres sencientes têm suas vidas interrompidas por um modelo de desenvolvimento que ainda não considera outras espécies como pacientes morais, o que implicaria em um tratamento não-instrumental ou ao menos consideraria sua capacidade de sentiência buscando alternativas que evitassem ao máximo seu sofrimento, não somente no momento do abate, mas durante todo o processo produtivo, alterando-se o modo e a escala de produção.

Trabalhos desenvolvidos em Santa Catarina, revelam que, entre produtores e trabalhadores de frigoríficos e abatedouros, a atividade de matar animais é naturalizada e tende a ser racionalizada e justificada com base em princípios religiosos. Observa-se o caráter ambíguo na relação com os animais, tendo algumas espécies como objetos de satisfação de necessidades humanas (sem consideração à sua capacidade de sofrer) e outras como companheiras. Esse fato demonstra uma distinção arbitrária que implica em uma seletividade dos seres que são passíveis de compaixão (compaixão seletiva), o que de certa forma nega um dos fundamentos da própria compaixão, que é a empatia com o sofrimento alheio independente a quem for (Grava & Teixeira, 2006).

Quanto ao bem-estar animal, quando considerado, várias pesquisas mostram a ambiguidade do conceito e seus efeitos paradoxais em termos da consideração dos interesses dos animais. O conceito acaba reafirmando e reificando o status de animal “de corte” e desconsidera o valor intrínseco da vida desta população de seres sencientes. A aplicação do conceito de “bem-estar animal” está fortemente motivada pela aquisição de padrões de qualidade da carne, com vistas à consolidação do mercado externo que inclui o bem-estar animal como parte dos requisitos exigidos aos produtores (Grava & Teixeira, 2006; Grava & Florit, 2007; Imianowsky & Florit, 2007; Gomes & Florit, 2009; Grava, 2017).



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Para Castilho (2012), no Brasil, existem diversos políticos de vários partidos que são grandes proprietários de terras (latifundiários) e inclusive políticos acusados e condenados por trabalho escravo. Para o autor, não existe apenas uma bancada ruralista no país, mas sim um “sistema político ruralista” (Oliveira & Castilho, 2012) ao qual interessa a manutenção do padrão de desenvolvimento atual. Dessa forma, faltam condições políticas e culturais para que a pecuária seja socialmente reconhecida e tratada como causa de problemas ambientais – aos que se deve atenção e se busque alternativas socioeconômica viáveis, ambientalmente sustentáveis e eticamente justificadas.

### **V. Conclusões**

À luz das discussões já desenvolvidas no campo da ética ambiental, faz-se necessária a incorporação dos seres sencientes como pacientes morais no âmbito do planejamento regional. Devem ser considerados sua capacidade de sofrer, o desenvolvimento territorial sustentável e alternativas socioeconômica, ambiental e eticamente viáveis aos produtores, de modo mais urgente naquelas regiões que apresentam índices de abate per capita e de degradação ambiental muito altos. Um planejamento que não leva em consideração o sofrimento de seres sensíveis e a sustentabilidade não tem razão de ser, pois servirá somente como objeto de legitimação de práticas nocivas e moralmente questionáveis.

Com base nas análises realizadas, ressalta-se a relevância que a pecuária teve e ainda tem na configuração do território brasileiro, alterando ainda hoje sua paisagem e o ambiente, mas com novas implicações.

Na dimensão socioeconômica, em regiões específicas, a pecuária mantém importância na geração de empregos, renda e nas exportações nacionais de modo geral, ainda que menor que outros setores mais dinâmicos.



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Quanto aos impactos ambientais, é a atividade que, no Brasil, mais contribui com a emissão de GEE, faz uso intensivo e contamina recursos hídricos, é um dos grandes fatores de degradação do solo e o principal de desmatamento dos biomas brasileiros, sobretudo na Amazônia legal e no Cerrado.

Sobre a dimensão ética, observa-se que as objeções ao uso instrumental dos animais sencientes, sustentadas por diferentes autores da ética ambiental, demonstram razoabilidade e são difíceis de serem refutadas. No Brasil, uma grande quantidade de animais, maior do que a própria população do país, é mantida em condições péssimas e abatida anualmente aos bilhões para satisfazer necessidades humanas - que poderiam ser satisfeitas através de alternativas mais saudáveis e ambientalmente sustentáveis.

Em face aos desafios atuais, a pecuária requer uma reflexão crítica muito atenta, que a compreenda em seus vários impactos e novas implicações. Conclui-se que, mesmo tendo alguma importância socioeconômica, sobretudo nas regiões onde é predominante, a cadeia produtiva da pecuária constringe a população a um modelo de desenvolvimento não sustentável, socioeconômica, ambiental e eticamente. Essas dimensões devem ser consideradas e revistas no planejamento territorial, no sentido de encontrar alternativas sustentáveis e éticas que atendam aos interesses de humanos e não-humanos.

\*\*\*



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

## **VI. Bibliografía**

Almeida, R. G. (2011, julho 27). Pastagens: um desafio nacional. Disponível em: <<http://www.portaldbo.com.br/novoportal/site/Conteudo/Artigos+Tecnicos/1048,,Pastagens+um+desafio+nacional.aspx>>. Acesso em: 28/07/2011.

Berger, P., & Luckmann, T. (2003 [1966]). A Construção Social da Realidade. Petrópolis: Vozes, 23a edição.

Bernardes, F., & Azevedo, G. (2017, janeiro 9). Agronegócio cumpre a vocação e sustenta o Brasil. Gazeta do Povo [online]. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/agronegocio/colunistas/giovani-ferreira/agronegocio-cumpra-a-vocacao-e-sustenta-o-brasil-1f7qutqmslacz5827937x243f>>. Acesso em: 28/07/2017.

Bolfe, E. L. (2010). Monitoramento geoespacial de áreas degradadas. Universidade Federal de Santa Maria (RS), 3ª Semana da Geomática (apresentação). Disponível em: <<http://200.132.36.199/3smgeo/videos/14/Bolfe.pdf>>. Acesso em: 17/01/2013.

Bourdieu, P. (2004 [1990] [1987]). Coisas Ditas, São Paulo: Brasiliense.

Bruno, R. (2012, outubro 21-25). Movimento Sou Agro: marketing, habitus e estratégias do poder do agronegócio. 36º Encontro Anual da ANPOCS. Disponível em: <<http://observatory-elites.org/wp-content/uploads/2012/06/Regina-Bruno.pdf>>. Acesso em: 16/08/2017.

Cavechini, C., & Barros, C. J. (dir.) (2011). Carne, Osso. Repórter Brasil, 65 min.

Cunha, I. J. (1982). Evolução econômico-industrial de Santa Catarina. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura [FCC] Edições.

Denardin, V. F., & Sulzbach, M. T. (2005, julho-dezembro). Os possíveis caminhos da sustentabilidade para a agropecuária da região Oeste de Santa Catarina. Desenvolvimento em Questão, vol. 3, número 006. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, Brasil, pp. 87-115. Disponível em: <<https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/desenvolvimentoemquestao/article/view/115/72>>. Acesso em: 06/02/2013.

Eder, K. (1996). The Social Construction of Nature: A Sociology of Ecological Enlightenment. Londres: Sage Publications.



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária [EMBRAPA] (2003, janeiro). Produção de Suínos. EMBRAPA. Disponível em: <<http://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Suinos/SPSuinos/index.html>>. Acesso em: 09/02/2013.

Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária [EMBRAPA] (2005, outubro). Sistemas de Produção de Gado de Corte no Brasil: Uma Descrição com Ênfase no Regime Alimentar e no Abate. EMBRAPA (MS). Disponível em: <[http://www.cnpqg.embrapa.br/publicacoes/doc/doc\\_pdf/doc151.pdf](http://www.cnpqg.embrapa.br/publicacoes/doc/doc_pdf/doc151.pdf)>. Acesso em: 09/02/2013.

Ferreira, G. (2016, maio 19). Extensão rural explora vocação natural e define perfil agroeconômico do PR. Gazeta do Povo [online]. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/agronegocio/agricultura/extensao-rural-explora-vocacao-natural-e-define-perfil-agroeconomico-do-pr-az50dwvfx88tly4pp49n61e2s>>. Acesso em: 28/07/2017.

Florit, L. F. (2009). A natureza do político e a política na natureza: notas sobre as implicações políticas da construção social da natureza e das chamadas vocações regionais. Cadernos IPPUR/UFRJ.

Freire, L. L. (2006, janeiro-junho). Seguindo Bruno Latour: notas para uma antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Comum, v. 11, n. 26, pp. 46-65. Disponível em: <<http://www.ifcs.ufrj.br/~lemetro/pesquisadores/Leticia%20de%20Luna%20Freire/latour.pdf>>. Acessado em: 09/12/2014.

Fundação Oswaldo Cruz [FIOCRUZ] (2010, março). Mapa de conflitos envolvendo injustiça ambiental e saúde no Brasil: resumo dos resultados iniciais. Fiocruz [online]. Disponível em: <<http://www.conflitoambiental.icict.fiocruz.br/index.php?pag=resumo>>. Acessado em: 27/09/2016.

Gomes, C. M. P., & Florit, L. F. (2009). Interesses de humanos e de não humanos. Uma análise da proposta de “abate humanitário” e suas implicações no Médio Vale do Itajaí. (Relatório de pesquisa).

Grava, D. S., & Florit, L. F. (2007). Mapeamento e caracterização dos estabelecimentos que criam e abatem aves no Médio Vale do Itajaí. (Relatório de pesquisa).

Grava, D. S. (2017). Naturezas, sustentabilidades e desenvolvimento na modernidade brasileira. 258f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Grava, D. S., & Teixeira, V. I. (2006). Etnografia de uma granja de criação e abate de marrecos no interior do município de Blumenau: estudo sobre a consideração dos interesses de humanos e não humanos. (Relatório de pesquisa).

Greif, S. (sem data). Vegetarianismo e prevenção à poluição. Sociedade Vegetariana Brasileira [online]. Disponível em: <<http://www.svb.org.br/depmeioambiente/VegetarianismoePrevencaoPoluicao.htm>>. Acesso em: 28/02/2011.

Gudynas, E. (1999, abril). Concepciones de la naturaleza y desarrollo en América Latina. *Persona y Sociedad*, 13 (1): 101-125, Santiago de Chile.

Hannigan, J. A (1995). *Sociologia ambiental: a formação de uma perspectiva social*. Lisboa: Instituto Piaget.

Imianowsky, A. G., & Florit, L. F. (2007). Estudo sobre as repercussões em humanos do trabalho numa linha de desmontagem animal: O caso de um abatedouro no Município de Timbó. (Relatório de pesquisa).

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE] (2016). Sistema IBGE de Recuperação Automática – SIDRA: Pesquisa Trimestral do Abate de Animais. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/abate/tabelas>>. Acesso em: 16/10/2017.

Justi, A., Vianna, J. (2017, abril 15). Operação Carne Fraca: Polícia Federal indiciou mais de 60 pessoas. G1 [online]. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pr/parana/noticia/operacao-carne-fraca-policia-federal-indiciou-mais-de-60-pessoas.ghtml>>. Acesso em: 17/08/2017.

Latour, B. (1994). *Jamais Fomos Modernos: Ensaio de Antropologia Simétrica*. Rio de Janeiro: Editora 34.

Marx, K. (1996 [1867]) *O Capital: crítica da economia política*. Vol. 1, livro I, tomo I. São Paulo: Nova Cultural.

Ministério do Trabalho e Emprego [MTE] (2016a). Empregos em 31/12 por Setor. MTE: Anuário RAIS Vínculo Id. Disponível em: <<http://bi.mte.gov.br/scripts10/dardoweb.cgi>>. Acesso em: 01/11/2017.

Ministério do Trabalho e Emprego [MTE] (2016b). Remuneração Média Mensal Nominal no Ano por Setor. MTE: Anuário RAIS Vínculo Id. Disponível em: <<http://bi.mte.gov.br/scripts10/dardoweb.cgi>>. Acesso em: 01/11/2017.



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Ministério Público do Trabalho [MPT] (2017, abril). Observatório Digital do Trabalho Escravo no Brasil. MPT [online]. Disponível em: <<https://observatorioescravo.mpt.mp.br/>>. Acesso em: 16/10/2017.

Miranda, G. (2010, outubro 11). Pecuária é a principal vocação da região, dizem pesquisadores. Folha [online]. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ambiente/812899-pecuaria-e-a-principal-vocacao-da-regiao-dizem-pesquisadores.shtml>>. Acesso em: 28/07/2017.

Nolasco, M. A., Baggio, R. B., & Griebeler, J. (2005, abril-junho). Implicações ambientais e qualidade da água da produção animal intensiva. Curitiba: Revista Acadêmica, v. 3, n. 2, pp. 19-26. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/index.php/academica?dd1=958&dd99=view>>. Acesso em: 24/01/2013.

Nottar, L. A. (2004). A (in) sustentabilidade da suinocultura e a atividade leiteira diante das perspectivas de viabilização sócio-econômica da agricultura familiar no Oeste Catarinense. 173 f, il. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Centro de Ciências Humanas e da Comunicação, Universidade Regional de Blumenau, Blumenau. Disponível em: <[http://www.bc.furb.br/docs/TE/2004/302711\\_1\\_1.pdf](http://www.bc.furb.br/docs/TE/2004/302711_1_1.pdf)>. Acesso em: 22/09/2004.

Oliveira, S., & Castilho, A. C. [entrevista] (2012, setembro 17). “Há um sistema político ruralista no Brasil”, afirma autor do livro Partido da Terra. Sul 21 [online], 17 de setembro de 2012. Disponível em: <<http://www.sul21.com.br/jornal/2012/09/ha-um-sistema-politico-ruralista-no-brasil-afirma-autor-do-livro-partido-da-terra/>>. Acesso em: 09/02/2013.

Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação [FAO] (2006, novembro 29). Livestock a major threat to environment. Roma. Disponível em: <<http://www.fao.org/newsroom/en/news/2006/1000448/index.html>>. Acesso em: 18/06/2012.

Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação [FAO] (2009, outubro 2). Contra a poluição, menos carne. Disponível em: <[https://www.fao.org.br/vernoticias.asp?id\\_noticia=743](https://www.fao.org.br/vernoticias.asp?id_noticia=743)>. Acesso em: 28/02/2011.

Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação [FAO] (2012, março 22). Dia Mundial da Água: Para cada quilo de carne, são necessários 15 mil litros de



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

água, diz FAO. Santiago do Chile. Disponível em:  
<<https://www.fao.org.br/DMApcqcn15mladFAO.asp>>. Acesso em: 26/03/2012.

Paes, C. (2012, novembro 28). A esperança de vida dos animais. Expresso [Portugal, online]. Disponível em: <<http://expresso.sapo.pt/a-esperanca-de-vida-dos-animais=f749992>>. Acesso em: 08/02/2013.

Parsons, T. (1969 [1966]). Sociedades: perspectivas evolutivas e comparativas. São Paulo: Pioneira.

Pinheiro, R. A. B., Neto, A. O. G., & Guerra, M. D. F. (2009, julho 06-10). Processo de degradação ambiental/desertificação e a pecuária no distrito de Feiticeiro – município de Jaguaribe / Ceará. Universidade Federal de Viçosa (MG), XIII Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada. Disponível em: <[http://www.geomorfologia.ufv.br/simposio/simposio/trabalhos/trabalhos\\_completos/eixo11/074.pdf](http://www.geomorfologia.ufv.br/simposio/simposio/trabalhos/trabalhos_completos/eixo11/074.pdf)>. Acesso em: 16/10/2017.

Pinto, C. E., Garagorry, F. C., Costa, N. B., Jr., & Baldissera, T. C. (orgs.) (2016). Pecuária de corte: vocação e inovação para o desenvolvimento catarinense. Florianópolis: Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina [EPAGRI].

Portal Brasil (2009, dezembro 16). Pecuária é responsável por metade dos gases estufa no Brasil. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/noticias/arquivos/2010/8/19/pecuaria-e-responsavel-por-metade-dos-gases-estufa-no-brasil>>. Acesso em: 28/02/2011.

Prado, C., Jr. (1961). Pecuária. In: Prado, C., Jr. Formação do Brasil Contemporâneo: Colônia. São Paulo: Brasiliense. 6ª edição, pp. 181-207.

United States Department of Agriculture [USDA] (2017, abril). Beef and Veal Summary Selected Countries. USDA [online]. Disponível em: <[https://apps.fas.usda.gov/psdonline/circulars/livestock\\_poultry.pdf](https://apps.fas.usda.gov/psdonline/circulars/livestock_poultry.pdf)>. Acesso em: 02/08/2017.

Quadros, D. G. (2005, novembro). Sistemas de Produção de Bovinos de Corte. Salvador: NEPPA-UNEB. Disponível em: <[http://www.neppa.uneb.br/textos/publicacoes/cursos/sistemas\\_producao\\_gado\\_corte.pdf](http://www.neppa.uneb.br/textos/publicacoes/cursos/sistemas_producao_gado_corte.pdf)>. Acesso em: 05/11/2012.

Rosa, F. R. T. (2006, abril 3). Áreas de Pastagem Versus Agricultura: O que aconteceu em 2005. Scot Consultoria, Bebedouro, São Paulo. Disponível em:



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

<[http://www.abcz.org.br/site/download/pastagens\\_x\\_agricultura.pdf](http://www.abcz.org.br/site/download/pastagens_x_agricultura.pdf)>. Acesso em: 28/07/2011.

Schlesinger, S. (2010). Onde Pastar? O Gado Bovino no Brasil. Rio de Janeiro: Fase. Disponível em: <[http://www.boell-latinoamerica.org/downloads/gado\\_brasil\\_serpio\\_schlesinger.pdf](http://www.boell-latinoamerica.org/downloads/gado_brasil_serpio_schlesinger.pdf)>. Acesso em: 13/02/2013.

Simonsen, R. C. (2005, 1937). História Econômica do Brasil: 1500-1820. Brasília: Edições do Senado Federal, Vol. 34. 4ª Edição.

Singer, P. (2004 [1975]). Libertação animal. Ed. rev. Porto Alegre: Lugano.

Thomas, K. (1989 [1983]). O homem e o mundo natural. São Paulo, Companhia das Letras.

Weber, M. (2004 [1904, 1920]). A ética protestante e o "espírito" do capitalismo. São Paulo: Companhia das Letras.

World Wide Fund For Nature [WWF-BRASIL] (2005, novembro). Cenário atual da pecuária bovina de corte orgânica certificada na Bacia do Alto Paraguai (BAP) – Brasil. Brasília: WWF-Brasil. Vol. 11. Disponível em: <<http://www.abccriadores.com.br/images/upload/cenrio%20atual%20da%20pecuria%20obovina.pdf>>. Acesso em: 17/08/2017.